
Wittgenstein e Jesse Prinz: Sobre Emoções

Wittgenstein and Jesse Prinz: On Emotions

Juliano do Carmo¹

Resumo: A publicação do livro *The Emotional Construction Of Morals*, de Jesse Prinz, em 2007, reacendeu o debate a respeito da natureza das emoções e suas implicações importantes para a moralidade. O tema não é por certo novo, contudo, a originalidade dessa abordagem consiste justamente em tentar sustentar duas hipóteses radicais a respeito da moralidade: (1) que os valores morais estão baseados em respostas emocionais e (2) que as respostas emocionais variam de cultura para cultura. Por mais interessante que isso possa parecer, existe um obstáculo importante na posição de Prinz que precisa ser considerado antes mesmo de avaliar se seus argumentos para sustentar tais hipóteses são válidos ou não. O problema que será discutido aqui é de natureza metodológica, ou seja, trata-se de avaliar o modo como podemos de fato falar sobre emoções e o tipo de naturalismo que soa mais razoável em se tratando de uma investigação estritamente filosófica. O pano de fundo de minha abordagem é a herança autoproclamada de Prinz a respeito da teoria James-Lange das emoções e o debate entre Wittgenstein e William James sobre o uso de “termos psicológicos” (ou “emocionais”). Como veremos, há certos aspectos metodológicos na discussão de Wittgenstein com James que poderiam auxiliar na compreensão adequada deste debate.

Palavras-chave: Filosofia da Psicologia; Naturalismo; Jesse Prinz; William James; Ludwig Wittgenstein.

Abstract: The publication of the book *The Emotional Construction of Morals*, by Jesse Prinz in 2007 reignited the debate about the nature of emotions and their implications for morality. The issue is not certainly new, however, the originality of this approach lies precisely in trying to support two hypotheses about the radical morality: (1) that moral values are based on emotional responses and (2) that the emotional responses vary from culture for culture. As interesting as it may seem, there is a major obstacle in Prinz position that needs to be considered before you even consider whether their arguments to support such assumptions are valid or not. The problem to be discussed here is of a methodological nature, ie, it is to evaluate how we can actually talk about emotions and the kind of naturalism that sounds more reasonable in the case of a strictly philosophical inquiry. The background of my approach is the self-proclaimed heritage of Prinz about the James-Lange theory of emotions and debate between Wittgenstein and William James on the use of "psychological terms". As we shall see, there are certain methodological aspects in the discussion of Wittgenstein with James that could assist in the proper understanding of this debate.

Keywords: Philosophy of Psychology; Naturalism; Jesse Prinz; William James; Ludwig Wittgenstein.

¹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas. juliano.ufpel@gmail.com

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é mostrar, em primeiro lugar, algumas características básicas da teoria fisiológica de William James e Carl Lange a respeito das emoções e, a partir disso, os dois problemas fundamentais que Prinz considerou necessário resolver no sentido de reabilitar tal teoria enquanto posição puramente não-cognitivista. Em segundo lugar, tratarei de esboçar em linhas gerais a perspectiva wittgensteiniana sobre o uso de termos psicológicos e, finalmente, argumentarei que a posição de Jesse Prinz permanece sujeita às mesmas objeções endereçadas por Wittgenstein à teoria de William James. Outra questão importante que se pretende discutir aqui é a base metodológica do naturalismo de Jesse Prinz.

Nos primeiros capítulos de *The Emotional Construction of Morals* (2007), Jesse Prinz procurou reconstruir o extenso debate a respeito da natureza das emoções e também o modo como as diversas posições teóricas consideraram o papel das emoções no que diz respeito à psicologia moral. O interesse de Prinz era defender explicitamente que uma teoria não-cognitivista aos moldes da teoria James-Lange das emoções estaria mais alinhada aos seus propósitos, já que esta tratava os estados emocionais como “respostas imediatas” a estímulos corporais.

O nome “teoria James-Lange das emoções” deve-se ao fato bastante conhecido de que William James (1884) e o fisiologista dinamarquês Carl Lange (1885) desenvolveram, de modo supostamente independente, teorias muito semelhantes a respeito da natureza das emoções. Não é de estranhar que o capítulo específico sobre emoções do livro de James, *Os Princípios da Psicologia* (1890), começa precisamente com uma longa citação de Carl Lange para esboçar o que ele próprio [James] pensava a respeito do fenômeno do “luto”. Nesta passagem emblemática, James descreve o “luto” em termos de comportamentos corporais expressivos, tais como o “caminhar lentamente”, o “cambalear”, o “arrastar dos pés”, a “voz enfraquecida” e a “tendência a chorar baixinho”, por exemplo. Após elencar uma série de comportamentos típicos

que acompanham o luto, James conclui: “é claro que o luto é um fenômeno corporal, com suas lágrimas, olhos vermelhos e assim por diante”².

A teoria de William James contemplava também o modo como certas emoções são exteriorizadas através de comportamentos típicos (as expressões faciais, as mudanças musculoesqueléticas e outros padrões convencionais de comportamento). O “medo”, por exemplo, era considerado como uma emoção frequentemente precedida pelo comportamento característico de “espanto”, isto é, por “olhos e bocas abertos”, por “sobrancelhas levantadas”, por “glândulas salivares secas”, pelo “suor frio”, por “tremores”, etc³. Sob este aspecto, portanto, a posição de James parece muito mais abrangente do que a posição de Lange, já que este procurou priorizar os aspectos estritamente físicos, como a mudança na “pressão sanguínea”, por exemplo. A ênfase nos comportamentos expressivos típicos, como veremos, é um dos elementos fundamentais que nos permite considerar uma aproximação entre as posições de James e Wittgenstein.

James estava convicto, no entanto, de que a pesquisa tradicional sobre emoções havia se concentrado apenas em “catalogar emoções”, mas que nenhuma posição se dedicou a oferecer uma espécie de “princípio gerativo” ou a “fonte” das emoções⁴. O objetivo de James, portanto, era oferecer esse princípio a partir de uma perspectiva fisiológica (assumindo, portanto, uma versão bastante robusta de naturalismo). A grande novidade consistia na ideia de que as emoções primitivas (o medo, a raiva e a tristeza, por exemplo) não causam expressões corporais, mas, pelo contrário, as emoções brutas são causadas por expressões ou variações corporais. Isso aparece de modo claro na seguinte passagem de *The Principles of Psychology*:

Nossa maneira natural de pensar as emoções brutas é a de que a percepção de algum fato estimula a sensação mental denominada “emoção”, e que esse estado da mente dá origem à expressão corporal. Minha teoria, pelo contrário, é a de que as mudanças corporais seguem-se diretamente da percepção do fato estimulador, e que a sensação dessas mesmas mudanças corporais ocorrentes é a emoção. O senso comum diz: “perdemos nossa fortuna, lamentamos

² JAMES, W. *The Principles of Psychology*. New York: Cosimo, 2007. p. 1059-60.

³ *Idem*, p. 1062.

⁴ *Ibid*, p. 1064

esse fato e, então, choramos”; “deparamo-nos com um urso, ficamos com medo e, então, fugimos”; “fomos insultados por um rival, ficamos com raiva e, então, revidamos”. A hipótese, que será defendida aqui, é a de que este ordenamento sequencial está incorreto... [e que a ordem correta é] “lamentamos porque choramos”, “sentimos medo porque trememos”, “sentimos raiva por que lutamos”⁵.

É evidente que este modo de conceber as emoções é extremamente atraente para qualquer posição naturalista, pois, potencialmente, ela reduz todos os comportamentos expressivos que denotam emoções a estímulos e processos físicos. Além disso, este modo de conceber as emoções também parece oferecer o “princípio gerativo” que distingue a posição de James das posições tradicionais. Outro aspecto interessante da teoria de James é o fato de que ela parece envolver uma espécie de exercício de subtração mental e esse aspecto distintivo da teoria tem sido resgatado pelos naturalistas contemporâneos, uma vez que ela representaria um tipo bastante promissor de não-cognitivismo⁶.

As críticas de Wittgenstein à teoria de James, no entanto, estavam concentradas em dois aspectos metodológicos básicos: (1) ainda que o corpo seja o aspecto central da consideração de James⁷, o método introspectivo (de subtração mental) utilizado para extrair tais conclusões é para Wittgenstein altamente duvidoso, já que ele está longe de representar uma investigação científica adequada; (2) por outro lado, de um ponto de vista estritamente filosófico, a teoria de James parece assumir um tipo equivocado de acesso às “experiências internas” por não considerar a conexão lógica entre sensações e emoções. Neste sentido, ao endossar a teoria James-Lange das emoções, Jesse Prinz parece se comprometer também com esta mesma dificuldade. Antes, contudo, de abordar os aspectos finos da crítica wittgensteiniana, é preciso ressaltar aqui algumas características adicionais da teoria James-Lange das emoções para os propósitos de Jesse Prinz.

⁵ *Ibidem*, pp. 1065-6.

⁶ Nas palavras de James: “se abstraíssemos todas as sensações corporais de nossa consciência de uma emoção intensa, não encontraríamos nada que tivéssemos deixado para trás”. “Tudo o que restará”, ele completa, “será apenas um estado frio e neutro da percepção intelectual” [*The Principles of Psychology*, p. 1067]. “Uma cognição insensível de que certas circunstâncias são lamentáveis e nada mais” [*The Principles of Psychology*, p. 1068].

⁷ A própria mente sem os “sintomas corporais” seria completamente vazia.

Na medida em que os estados emocionais são completamente materializados (corporificados), a teoria James-Lange representa um tipo de não-cognitivismo capaz de dar conta do imediatismo de certas emoções, como nos casos em que as respostas emocionais são tão imediatas que seria difícil supor a intermediação de conceitos, juízos ou pensamentos. Há diversos exemplos de respostas emocionais deste tipo, em especial aqueles casos em tais respostas são desencadeadas pela percepção visual (um olhar pode desencadear raiva ou compaixão, por exemplo). A perspectiva James-Lange, neste caso, parece corroborar a hipótese de Jesse Prinz de que os sinais somáticos são necessários e suficientes para as emoções (hipótese endossada também por Paul Griffiths e Craig DeLancey).

O caráter imediato de certas emoções é, obviamente, um dos principais desafios endereçados às teorias cognitivistas das emoções. Em contrapartida, os cognitivistas contemporâneos (em especial Robert Solomon, William Lyons, Martha Nussbaum e George Pitcher) costumam alegar que (ao negar o caráter cognitivo das emoções) os não-cognitivistas não conseguem dar conta da “intencionalidade” inerente às emoções. Em outros termos: os cognitivistas não conseguem explicar como cognições podem estar envolvidas em respostas emocionais imediatas; os não-cognitivistas, por outro lado, não conseguem explicar a suposta intencionalidade das emoções⁸.

O não-cognitivismo precisa explicar, também, os casos em que cognições parecem estar envolvidas em respostas emocionais (em especial, aquelas emoções que não parecem imediatas). De qualquer modo, Prinz está convicto de que a teoria James-Lange das emoções precisa enfrentar ao menos dois problemas para poder figurar como inteiramente não-cognitivista:

(1) O primeiro problema (que Prinz chama de “Problema da Avaliação Racional”⁹) consiste precisamente em afastar a suspeita de que nossa

⁸ David Hume (1711-1776) foi um dos primeiros filósofos a destacar o importante papel das emoções na moralidade, contudo, Hume considerou as emoções como impressões *sui generis*, ao invés de “impressões de alterações corporais”. Ademais, argumenta Jesse Prinz, a teoria de Hume não parece inteiramente não-cognitivista, pois algumas emoções podem ser causadas por “impressões de reflexão” ou “ideias”, e tais impressões de reflexão são causadas por sensações ou outros estados mentais. Ver: PRINZ, J. *The Emotional Construction of Morals*. New York: Oxford University Press, 2007.

⁹ PRINZ, J. *The Emotional Construction of Morals*. New York: Oxford University Press, 2007, p. 60.

fala habitual sobre emoções envolve necessariamente “termos” tipicamente racionais ou cognitivos (por exemplo, falamos de “emoções justificadas” ou de “emoções não-justificadas”; “adequadas” ou “inadequadas”; “garantidas” ou “não-garantidas”, etc.). Segundo Prinz, isso poderia sugerir que as emoções possuem uma dimensão cognitivista ao mesmo tempo em que há evidências para pensar que a cognição não é necessária para uma emoção. A solução sugerida por Prinz¹⁰ para este impasse envolve o auxílio de uma teoria naturalista da representação (prioritariamente, nos moldes da posição de Fred Dretske, mas que também encontra sustentação nas posições de Jerry Fodor e Ruth Millikan).

A ideia geral é defender que as emoções são “representações naturais” que, como tais, foram projetadas para um determinado propósito (neste caso, elas representariam “preocupações”), do mesmo modo que detectores de fumaça foram projetados para o propósito (ou função) de indicar confiavelmente a presença de fogo. A “dor”, por exemplo, representaria “doenças físicas”, porque seria confiavelmente causada por elas, mas, também, porque foi desenvolvida para esse propósito. A ideia de uma representação natural (enquanto representação que ocorre fora da mente) envolve a adoção de uma teoria computacional da mente (com arquivos mentais e mecanismos de calibração, etc.) que, contudo, não cabe apresentá-la aqui¹¹.

(2) O segundo problema (que Prinz chama de “Problema da Semelhança Somática”¹²) consiste em oferecer uma resposta satisfatória para a aparente insuficiência de “padrões corporais” para dar conta dos inúmeros “sinais somáticos”. Ou seja, “emoções diferentes estão geralmente associadas às mesmas mudanças somáticas”. Por exemplo, a “raiva” e a “indignação” são emoções diferentes, pois alguém pode estar com raiva e não estar indignado, mas geralmente elas estão associadas aos mesmos padrões de comportamento expressivo. Se houvesse um padrão corporal único para cada emoção, então deveríamos esperar que a “raiva” e a “indignação” possuísem sinais somáticos

¹⁰ *Ibidem*, p. 64-6.

¹¹ Ver: DRETSKE, F. *Explaining Behaviour: Reasons in a World of Causes*. Massachusetts: MIT Press, 1988; MILLIKAN, R. *White Queen Psychology and Other Essays for Alice*. Cambridge: MIT Press, 1995.

¹² PRINZ, J. *The Emotional Construction of Morals*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 65.

diferentes. Isso, contudo, é também uma evidência de que as emoções e outros processos internos são multifacetados.

A solução que Prinz oferece para o “Problema da Semelhança Somática” envolve igualmente a ideia de “emoção-enquanto-representação-natural-para-um-determinado-propósito”, pois do mesmo modo que sinais semelhantes podem representar diferentes mecanismos, um sinal somático de um mesmo padrão corporal pode ter significados diferentes em ocasiões diferentes. O significado do sinal somático de um padrão corporal dependeria do mecanismo mental que gerou o padrão. De qualquer modo, não é meu objetivo esboçar em detalhes a solução de Prinz para ambos os problemas detectados na teoria James-Lange das emoções, mas, antes, mostrar que seu interesse é reelaborar certos aspectos dessa teoria para que ela possa figurar como inteiramente não-cognitivista. Ao tentar reabilitar a teoria de James, contudo, Jesse Prinz permanece sujeito (independentemente de ser bem-sucedido em seu empreendimento) às mesmas críticas que Wittgenstein endereçou a James.

2. Wittgenstein e a Teoria James-Lange das Emoções

As notas de Wittgenstein compostas no período de 1946-1948, compiladas e publicadas em dois volumes sob o título “*Observações Sobre a Filosofia da Psicologia*”, reconhecidamente atestam que Wittgenstein havia se sentido muito estimulado pela teoria de James, em especial, pela ênfase nos comportamentos expressivos¹³. A maior parte das críticas, contudo, estavam destinadas a mostrar que James havia confundido a conexão lógica entre emoções e sensações (objeto de estudo do filósofo) com a conexão empírica entre emoções e sensações (objeto de estudo da ciência). As referências ao livro de James são bastante numerosas e aparecem na *Gramática Filosófica*, no *Livro Marrom*, nos dois volumes das *Observações Sobre a Filosofia da Psicologia*, nos *Últimos Escritos Sobre a Filosofia da Psicologia* e, também, nas *Investigações Filosóficas*.

Em uma passagem importante de um manuscrito datado do início dos anos 30, Wittgenstein afirma:

¹³ GOODMAN, R. *Wittgenstein and William James*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 61.

O quão necessário é o trabalho da filosofia é mostrado pela psicologia de James. A psicologia, ele diz, é uma ciência, mas James quase não discute questões científicas. Seus movimentos são meras tentativas de desvencilhar-se das teias da metafísica nas quais está preso. Ele ainda não pode andar ou voar, mas apenas se mexer. Não que isso não seja interessante. Apenas não é uma atividade científica¹⁴.

Essa passagem nos oferece um diagnóstico interessante sobre o que Wittgenstein pensava a respeito da abordagem de James acerca da natureza das emoções. O que James faz, diz Wittgenstein, não é “ciência”, mas filosofia. Enquanto posição filosófica, ela deveria levar em conta algumas características importantes a respeito do uso de termos psicológicos ou emocionais, em especial no que diz respeito à resposta ao problema da suposta “privacidade” dos fenômenos internos ou mentais. Em outras palavras, uma primeira acusação à teoria de James é a de que ela está comprometida com uma visão equivocada a respeito do acesso aos “estados mentais subjetivos”.

É comum encontrar na literatura especializada considerações sobre a natureza da mente como se esta fosse um “mundo interno” ao qual apenas seu possuidor tem acesso. Ora, se apenas o “possuidor” pode ter uma dada experiência, parece plausível afirmar que apenas ele pode saber que experiência está tendo e, assim, outra pessoa estaria logicamente impedida de ter a mesma experiência e não poderia dar “uma espiada na mente alheia”. A posse privada da experiência é, contudo, uma ilusão. A privacidade epistêmica, como diz Peter Hacker: “é igualmente ilusória, mas há várias escoras que a mantêm de pé, e cada um desses sustentáculos enganadores deve ser removido”¹⁵. Todavia, o acesso aos “estados mentais subjetivos” é diferente do acesso aos dados sensoriais comuns, como quando temos o acesso sensorial a uma maçã, por exemplo¹⁶.

¹⁴ Manuscript 110: 196-7. Citado em HILMY, S. *The Later Wittgenstein*. Oxford: Basil Blackwell, 1987. Apud GOODMAN, R. *Wittgenstein and William James*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 63.

¹⁵ HACKER, P. *Wittgenstein: On Human Nature*. New York: Routledge, 1999. p. 10-14.

¹⁶ É importante ressaltar que há nos escritos de Wittgenstein ao menos duas tentativas de oferecer um tratamento sistemático adequado dos conceitos emocionais. A primeira tentativa consistia em “um plano para o tratamento dos conceitos psicológicos” (*Remarks on the Philosophy of Psychology*, V. II, § 67), seguido de uma “classificação geral dos conceitos psicológicos” (*Remarks on the Philosophy of Psychology*, V. II, § 148). A primeira tentativa era muito semelhante a uma espécie de ordenamento da experiência, basta notar que os conceitos psicológicos eram como que subpartes ou elementos da classe geral de conceitos

É possível sustentar, portanto, que o erro de James foi pensar que podemos observar perceptualmente a evolução de nossas dores ou a flutuação de nossas emoções, quando na verdade só podemos registrar o modo como nos sentimos. Decorre daí a impossibilidade para alguém afirmar algo semelhante a: “ele sente dores terríveis, mas infelizmente não está consciente delas”. Ou ainda: “eu sinto dores terríveis, mas como não estou consciente delas, é muito gostoso senti-las”. As emoções, enquanto conceitos psicológicos, são diferentes das “sensações” e das “disposições emocionais” e, segundo Wittgenstein, podem ser divididas em dois grupos: as emoções diretas (com objeto) e as emoções indiretas (sem objeto), cujos critérios comuns são: uma “duração genuína”, um “curso característico” e “comportamentos típicos” (chorar quando se está triste, por exemplo). Os conceitos emocionais, diferentemente dos conceitos comuns, não informam nada a respeito do mundo externo.

A ideia central é a de que os estados mentais subjetivos não são acessíveis intersubjetivamente a não ser através da observação do comportamento expressivo característico. Isto é, só é possível ter algum acesso aos estados emocionais de alguém a partir do modo como este se comporta corporalmente e a partir do uso de termos psicológicos que substituem “expressões naturais primitivas”. Esse ponto está diretamente relacionado à ideia de que em se tratando de “verbos psicológicos” em terceira pessoa do presente temos informações e, portanto, verificação (podem ser verificados por fatos); mas a respeito de “verbos psicológicos” em primeira pessoa do

“experimentais” (*Erlebnisse*). Com efeito, os conceitos experimentais eram divididos subclasses: a “experiência” (*Erfahrungen*), as “emoções” e a “convicção”. A segunda tentativa era também uma classificação geral dos conceitos psicológicos, porém, não era mais um tipo de ordenamento de experiências. Na verdade, como ressalta Schulte, o termo “experiência” nem mesmo aparece neste contexto. A nova classificação consistia de “conceitos psicológicos” ou “verbos psicológicos”. Todavia, há uma característica comum em ambas as tentativas: o uso destes conceitos na terceira pessoa dependia da experiência, enquanto que na primeira pessoa não. Sentenças psicológicas na primeira pessoa do tempo presente são “expressões”, enquanto que, na terceira pessoa do tempo presente são “comunicações” (descrições). As emoções na nova classificação são novamente uma subdivisão dos conceitos psicológicos, todavia elas são divididas em três subclasses: emoções diretas (a alegria e o medo, por exemplo), emoções indiretas (a ansiedade, por exemplo) e disposições emocionais (o amor e o ódio, por exemplo). Para saber mais a respeito do desenvolvimento dos conceitos psicológicos em Wittgenstein, ver SCHULTE, J. *Experience and Expression: Wittgenstein's Philosophy of Psychology*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

presente, temos apenas “expressão”¹⁷. A acusação endereçada à teoria de James parece encontrar respaldo na medida em que James passa a investigar (e, portanto, descrever) a natureza do “eu” dos “eus”, e isso para Wittgenstein não passava de uma “ilusão gramatical”, ou seja, um termo psicológico utilizado fora dos jogos de linguagem em que seria facilmente compreendido.

O parágrafo 243 das Investigações é especialmente elucidativo a respeito da privacidade linguística das experiências ou sensações internas:

Um ser humano pode dar ordens a si mesmo, encorajar a si mesmo, obedecer a si mesmo, punir a si mesmo, ele pode colocar uma questão a si mesmo e também respondê-la... Mas poderíamos imaginar uma linguagem em que uma pessoa pudesse escrever ou verbalizar suas experiências internas - seus sentimentos, humores e tudo o mais - para seu uso privado? Não poderíamos fazer isso com a linguagem comum? As palavras individuais dessa linguagem devem se referir ao que somente pode ser conhecido pela pessoa que fala, para suas sensações privadas imediatas. Desse modo, outra pessoa não pode compreender sua linguagem¹⁸.

Não se trata, obviamente, de códigos particulares que sejam difíceis de decifrar, pois estes também poderiam ser compreendidos pelos outros. Uma linguagem privada seria aquilo que um falante tem e que somente ele pode ter¹⁹. Ora, se os termos psicológicos não “descrevem” estados emocionais internos, do mesmo modo que descrevemos uma maçã, então seria um erro pensar que uma investigação filosófica (que é descritiva, e não explicativa) poderia explicar qualquer característica essencial das emoções. O erro de James seria se deixar levar por um erro comum dos filósofos: descrever eventos *internos* do mesmo modo que a ciência costuma descrever objetos *externos*, ou ainda, de pensar que os estados emocionais podem ser analisados *atomicamente*. Dada a suposta privacidade dos estados mentais, a única maneira de garantir

¹⁷ WITTGENSTEIN, L. *Zettel*. London: Basil Blackwell, 1967, § 472.

¹⁸ WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell, 2009, § 243.

¹⁹ De acordo com Joachim Schulte, uma maneira intuitiva de pensar esta questão é analisar as seguintes proposições: “eu tenho uma dor” e “ele tem uma dor”. As duas podem ser tomadas como descrições? A primeira proposição parece ser justificada pelos fatos. Ao afirmá-la, portanto, só estou justificado na medida em que sei que ela é verdadeira. Para saber que ela é verdadeira, porém, devo verificá-la comparando-a com os fatos aos quais tenho acesso direto. Se a introspecção é o método de verificação para enunciados feitos na primeira pessoa do presente, então enunciados na terceira pessoa do presente não podem ser verificados de nenhum modo, devendo ser vistos como analogias ou inferências à melhor explicação.

um acesso intersubjetivo a tais estados é através da descrição de comportamentos expressivos característicos²⁰.

Os comportamentos expressivos característicos estão logicamente (ou conceitualmente, gramaticalmente, mas não fisicamente) conectados a certas emoções. Isso poderia sugerir equivocadamente que Wittgenstein estivesse defendendo aqui algum tipo de cognitivismo a respeito das emoções. Todavia, é preciso notar que o elemento conceitual reclamado por Wittgenstein se aplica apenas na relação entre um comportamento expressivo característico e uma emoção. Não há qualquer problema em considerar as emoções como radicalmente naturais, ou mesmo como respostas a estímulos ou variações corporais. O problema são as ilusões gramaticais a que estamos sujeitos quando supostamente “descrevemos” estes fenômenos.

Um aspecto interessante do “naturalismo” de Wittgenstein a respeito dos “termos psicológicos” é o fato de que os conceitos parecem estar inevitavelmente ligados aos fenômenos - eles “emergem”, por assim dizer, de nossas formas de vida e são expressos em nossos jogos de linguagem. Isso é especialmente claro na famosa passagem das *Investigações Filosóficas*:

O que fornecemos são propriamente anotações [descrições] sobre a história natural dos seres humanos, não são curiosidades, mas constatações que ninguém jamais duvidou, mas que apenas deixam de ser notadas porque estão continuamente diante de nossos olhos²¹.

O naturalismo de Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas* parece evidente na medida em que discute as raízes biológicas de nossos conceitos e o papel determinante desempenhado pelas leis da natureza. Muitos conceitos (talvez a maioria) dependem das leis da natureza. O que seria do conceito de “peso”, Wittgenstein pergunta, se a massa dos objetos fosse variável de forma inexplicável? A peculiaridade distintiva da abordagem wittgensteiniana é a defesa de que a filosofia não deveria tentar explicar a formação dos conceitos

²⁰ “There is something that can be regarded as mediating between the subjective and the objective, between the inner and the outer, namely our characteristic expressive behavior”. SCHULTE, J. *Experience and Expression: Wittgenstein's Philosophy of Psychology*. Oxford: Clarendon Press, 1995. p. 36.

²¹ WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell, 2009, § 415. Ver também: § 18.

através de fatos da natureza, mas, antes, a filosofia deveria buscar salientar a própria “contingência de nossos conceitos”²².

Os conceitos são naturalmente desenvolvidos como instrumentos e ferramentas humanas, dentro da cultura humana. As próprias regras da linguagem surgem no uso da linguagem, e não antes dela. Os conceitos são “regras” que expressam sua própria lógica de articulação e licenciam, por assim dizer, as conexões necessárias entre eles. Enquanto que para James e Prinz tudo é ou se reduz à experiência, para Wittgenstein a vida humana está indissociavelmente ligada a conceitos, significados e regras. Para utilizar uma das palavras preferidas de Wittgenstein: a vida humana está indissociavelmente ligada a uma “gramática”²³. É neste sentido que a gramática parece determinar “o tipo de coisa que algum objeto é”. Ou seja, em uma investigação filosófica genuína sobre as emoções, deveríamos nos concentrar na articulação inferencial de nossos conceitos, ou seja, no que pode ou não pode “contar” conceitualmente como uma emoção.

3. Naturalismo e Investigação Gramatical

Como já afirmei anteriormente, os termos psicológicos utilizados para denotar sensações e emoções estão conectados com aquilo que Wittgenstein chamou de “comportamento expressivo característico”, incluindo as expressões faciais. Também afirmei que os termos psicológicos substituem “expressões naturais primitivas”. O termo “expressões naturais”, contudo, aparece em num contexto-chave das *Investigações*:

²² *Ibid*, p. 221.

²³ A diferença entre um fenômeno e uma regra pode ser explicitada quando consideramos o jogo de xadrez, por exemplo. Se o “xeque-mate” fosse um fenômeno, algo que pudéssemos experimentar sensivelmente, então alguém poderia conhecer o significado da palavra “xeque-mate” apenas pela observação atenta do último movimento-padrão de um jogo de xadrez [cf. PI, 316]. Mas parece óbvio que embora possamos ver placar e o movimento das peças, não é possível ver as regras do xadrez que dão significados a suas peças e que tornam certo arranjo de peças um “xeque-mate”. Ainda que não possamos ver tais regras, elas não são fantasmas ou de natureza oculta, como Wittgenstein diz em outro contexto, mas elas também não são “nadas” [PI, 340]. Colocar o rei do xadrez em “xeque-mate” não é uma ação misteriosa ou sutil, mas é uma espécie de “fato social” que emerge no curso de nossa história natural [nem sempre os seres humanos jogaram xadrez]. Um movimento no tabuleiro de xadrez não é simplesmente o movimento de um objeto em uma superfície plana, nem mesmo é um conjunto de pensamentos internos de que alguém faz um movimento. Mas ele constituído por aquilo que chamamos de “jogar um jogo de xadrez”, “resolver um problema de xadrez”, e assim por diante.

O que acontece com a linguagem que descreve minhas experiências internas e que apenas eu mesmo posso compreender? Como uso palavras para designar minhas sensações? Do modo que fazemos habitualmente? Minhas palavras para designar sensações estão conectadas às minhas expressões naturais de sensação? Neste caso, minha linguagem não é privada. Outra pessoa pode compreendê-la tão bem quanto eu... O que ocorreria se os seres humanos não expressassem suas dores (não gemessem, não fizessem caretas)? Se este fosse o caso, não seria possível ensinar a uma criança o uso da expressão “dor de dente”²⁴.

A ideia é a de que na linguagem pública (a linguagem que todos entendemos) as palavras para designar sensações (dor, cócegas, cores, etc.) estão conectadas com “expressões naturais de sensação”. Tais expressões são, obviamente, expressões do corpo, como os gemidos e as caretas de dor, por exemplo. A natureza da conexão entre palavras e comportamentos expressivos é indicada pelo modo como aprendemos tais expressões, através da educação ou aquisição primitiva de linguagem. Uma mãe, por exemplo, sabe quando seu filho sente dor – e é capaz de transmitir o uso da palavra “dor” – quando a criança aponta para um de seus membros em resposta à pergunta da mãe: “onde dói?”. Parece óbvio que o uso da palavra dor é ensinado nestas e em outras numerosas situações semelhantes.

Neste sentido, as práticas da comunidade linguística, interligadas às expressões naturais de dor, funcionam como o pano de fundo que faz (licencia) com que a palavra “dor” desempenhe o papel para o qual foi projetada. Sendo assim, os termos psicológicos ou expressivos como a dor, por exemplo, são utilizados como substitutos de “expressões de sensação primitivas e naturais”. Os termos psicológicos, enquanto substitutos de expressões naturais, adquirem uma nova forma de “comportamento expressivo”, ou ainda, eles formam aquilo que chamamos de “segunda natureza”²⁵. O termo “dor” adquire uma nova forma de “comportamento de dor”. Este modo de pensar a linguagem implica na ideia de que a “dor” significa “choro”? “Não”, responde Wittgenstein, “a expressão verbal da dor

²⁴ WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell, 2009, §§ 256-7.

²⁵ Ver: MEDINA, J. *Wittgenstein's Social Naturalism*. In: *The Third Wittgenstein*. Burlington: Ashgate, 2004.

substitui o choro, mas não o descreve”²⁶. Eis a diferença, portanto, entre termos comuns e termos psicológicos, os primeiros descrevem, os últimos apenas expressam.

O erro de James, e por consequência, também de Jesse Prinz, na perspectiva de Wittgenstein é pensar que “experiências internas” podem ser “descritas”, pois na verdade elas são “expressas” por termos psicológicos que substituem “comportamentos naturais primitivos”. Ao invés de “chorar” porque “sente dor”, um usuário adulto e competente da linguagem simplesmente diz “estou com dor”, ainda que o choro e a dor sejam, obviamente, de natureza fisiológica. É por isso que, em casos de dor, nosso “jogo de linguagem” é uma extensão de um comportamento primitivo [é um instinto]²⁷. As emoções não são dispositivos artificiais para que os outros possam conhecer nossos estados emocionais, mas, antes, as emoções são dispositivos naturais.

O sentido “lógico” ou “gramatical” da investigação wittgensteiniana, contudo, em contraposição ao sentido empírico da investigação de James e Prinz, pode ser observado no fato de que a “dor” não é um mero comportamento ou expressão da dor – pois existem diferenças significativas entre “sentir uma dor” e “fingir sentir uma dor” – mas a dor ainda assim está gramaticalmente, ou logicamente, conectada à sua expressão. E a expressão de uma dor não é apenas convencional, mas é instintiva ou biológica. Em outros termos, o interesse de Wittgenstein é investigar as conexões lógicas ou gramaticais entre comportamentos expressivos e termos psicológicos utilizados para denotar emoções. O interesse de James e Prinz é investigar as conexões físicas entre comportamentos expressivos e emoções.

A abordagem wittgensteiniana a respeito do “papel que as expressões emocionais desempenham na totalidade da prática da linguagem” marca a origem de sua ideia emergente de que o significado está mais próximo do uso do que de qualquer entidade objetiva ou subjetiva. A ideia central, portanto, é avaliar a importância da expressão corporal humana em estabelecer certos

²⁶ WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell, 2009, § 244.

²⁷ WITTGENSTEIN, L. *Remarks on the Philosophy of Psychology*, V. II. Chicago: Chicago University Press, 1989, § 151.

papéis para nossos sinais, em particular para nossos estados psicológicos. Dentro dessa perspectiva, Wittgenstein não está muito distante da abordagem de James, já que em muitos casos as emoções são inseparáveis de suas “expressões naturais”. A diferença, contudo, está em pensar que a conexão necessária entre emoções e expressões naturais se dá em um sentido lógico [ou gramatical] ou em pensar que ela se dá em sentido físico ou empírico [causal ou composicional].

O sentido gramatical da investigação wittgensteiniana marca uma grande diferença metodológica em relação ao trabalho de James. Com efeito, os comportamentos expressivos típicos do luto, tais como “os soluços”, “o aperto no peito”, “as lágrimas”, etc., são na verdade “critérios” para o luto, mas o “luto” em si mesmo não é composto causalmente por tais sentimentos ou sensações, como James havia defendido. É isso que nos permite dizer que a esperança, por exemplo, não é a soma de diversas sensações. Uma pessoa que está em “depressão” não possui sensações depressivas em partes de seu corpo, embora alguns comportamentos expressivos típicos da depressão sejam bastante aparentes. Isso quer significar que a depressão (e o mesmo vale para a esperança) não é o tipo de coisa que poderia ser estritamente localizada (do mesmo modo que uma dor no joelho é localizada no joelho)²⁸.

O “choro” é um critério da tristeza, mas ele não é uma condição necessária ou suficiente para a tristeza [alguém pode chorar e não estar triste, ou pode estar triste e não chorar]. Contudo, o “chorar” está logicamente relacionado com a tristeza, pois o conceito “tristeza” é necessário em contextos que incluem nossa propensão natural de chorar em situações infelizes. As sensações corporais são tomadas (gramaticalmente) como critérios e não como partes que compõem a tristeza.

A confusão de Jesse Prinz (enquanto herdeiro autoproclamado da posição de James), portanto, está ligada ao fato de confundir os aspectos conceituais das emoções (de um ponto de vista estritamente filosófico) com os aspectos físicos (de um ponto de vista científico). Ou seja, ao assumir um tipo peculiar de naturalismo, Prinz parece estar comprometido com uma concepção equivocada a respeito das emoções. Basta notar que a diferença entre “uma

²⁸ *Ibidem*, §§ 438, 448, 449, 451.

sensação é parte da tristeza de Pedro” e “o choro é parte da tristeza de Pedro” é fundamental, pois enquanto no último caso a relação é lógica ou conceitual entre um fato e um conceito, no primeiro caso parece mais uma relação química ou física.

Parece óbvio que não sentimos o “pesar” em alguma parte do corpo, mas, antes, adquirimos o hábito de apontar para o corpo como se o pesar estivesse nele. Assim como adquirimos o hábito de apontar para o peito quando queremos falar de amor e para a cabeça quando queremos falar do lugar do “pensamento”²⁹. O corpo desempenha um papel fundamental na produção de certos sentimentos, mas as expressões corporais sozinhas não são suficientes para a produção desses sentimentos. Note que ninguém fica absolutamente feliz apenas por esboçar um sorriso, algo que Prinz também reconhece. Ninguém diz após fazer isso “agora estou muito melhor”, “a sensação nos músculos faciais ao redor de minha boca é boa”³⁰. Decorre daí que as expressões corporificadas das emoções não bastam para a comunicação³¹, mas possuem a função importante de compartilhar ou de influenciar um observador a sentir o mesmo (tese do contágio emocional).

O erro de Prinz reside, precisamente, em pensar que os comportamentos expressivos são necessários e suficientes para determinar ou identificar uma emoção. Na perspectiva de Wittgenstein os comportamentos expressivos são critérios, mas não condições suficientes e necessárias. Além disso, se o objetivo de Prinz é defender um tipo de não-cognitismo para sustentar a ideia de que as respostas emocionais variam de cultura para cultura, então não parece absolutamente necessário endossar um tipo de naturalismo reducionista. Ao que parece o naturalismo pragmático de Wittgenstein poderia servir igualmente bem a este propósito.

Referências Bibliográficas

DRETSKE, F. *Explaining Behaviour: Reasons in a World of Causes*. Massachusetts: MIT Press, 1988.

²⁹ WITTGENSTEIN, L. *Remarks on the Philosophy of Psychology*, V. II. Chicago: Chicago University Press, 1989, § 438.

³⁰ *Idem*, § 454.

³¹ *Ibid*, § 614.

- GOODMAN, R. *Wittgenstein and William James*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- HACKER, P. *Wittgenstein: On Human Nature*. New York: Routledge, 1999.
- HILMY, S. *The Later Wittgenstein*. Oxford: Basil Blackwell, 1987.
- JAMES, W. *The Principles of Psychology*. New York: Cosimo, 2007.
- MEDINA, J. *Wittgenstein's Social Naturalism*. In: *The Third Wittgenstein*. Burlington: Ashgate, 2004.
- MILLIKAN, R. *White Queen Psychology and Other Essays for Alice*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- PRINZ, J. *The Emotional Construction of Morals*. New York: Oxford University Press, 2007.
- PRINZ, J. *Gut Reactions: A Perceptual Theory of Emotions*. New York: Oxford, 2004.
- SCHULTE, J. *Experience and Expression: Wittgenstein's Philosophy of Psychology*. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell, 2009.
- WITTGENSTEIN, L. *Remarks on the Philosophy of Psychology*, V. II. Chicago: Chicago University Press, 1989.
- WITTGENSTEIN, L. *Zettel*. London: Basil Blackwell, 1967.

Data de Recebimento: 08/07/2013

Data de Aprovação para Publicação: 25/07/2013